

ALUNO COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DAS SUAS VIVÊNCIAS

Laiane Silva de Araújo; Ana Beatriz Bezerra de Moraes; Leidiane Nogueira dos Santos; Dra. Francisca Maria Gomes Cabral Soares

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; laiane_silva@live.com; anaa_bea@hotmail.com; leidianenogueirauern@gmail.com; fcacabral@yahoo.com.br

RESUMO: A inclusão das pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) é um assunto em debate em todas as instituições educacionais. A conscientização sobre o referido assunto deve ser pauta de discussão e ação de toda a comunidade escolar, professores, gestores e demais funcionários, incluindo também alunos e familiares. Neste trabalho, o interesse acadêmico científico é identificar as dificuldades e os desafios nas vivências de um aluno com paralisia cerebral (PC), baixa visão e mobilidade reduzida, que atualmente, está matriculado no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A investigação é de natureza qualitativa, realizada por meio de um estudo exploratório/descritivo. Inicialmente, foi explorada uma bibliografia sobre apoios e suportes pedagógicos favoráveis à inclusão escolar de pessoas com deficiência, incluindo também a influência das relações parentais, seguida de uma entrevista semiestruturada com uma pessoa com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Os resultados evidenciaram as dificuldades e conquistas do referido aluno no decorrer da educação básica até o ensino superior. O entrevistado enfatizou que encontrou mais problemas no ensino médio do que na universidade, pois ressalta que no curso tem acompanhamento dos profissionais de um departamento da instituição que trata especificamente das formas de apoio aos alunos com deficiência. Também foi notória a importância do engajamento familiar para que suas condições perante o meio social fossem respeitadas, uma vez que seus familiares sempre o acolheram sem expressar nenhum tipo de preconceito. Sobre as limitações, relatou que quando nasceu teve paralisia cerebral e que só começou a engatinhar com três anos de idade, andou somente aos cinco e passou por onze cirurgias. Mas, afirmou que hoje tem uma vida normal como qualquer outra pessoa. Contudo, o entrevistado destaca alguns entraves que ainda encontra em sua trajetória, pois sempre necessita de um maior acompanhamento para que consiga desenvolver melhor a aprendizagem, devido os prejuízos em sua coordenação motora fina, que o impede de escrever, digitar.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência; Vivências; Conquistas.

INTRODUÇÃO

A questão da deficiência e da inclusão das pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) é um assunto em debate no ambiente escolar. A conscientização de toda a comunidade escolar, professores, gestores e demais funcionários, incluindo alunos e familiares é necessária. Nesse sentido, conscientização, sensibilidade e atitude de acolhimento influenciam a superação dos preconceitos, conseqüentemente resultando em uma convivência com maior qualidade de vida para as pessoas com deficiência e seus familiares. Neste trabalho, o objetivo é identificar dificuldades e desafios nas vivências de um aluno com deficiência, baixa visão e mobilidade reduzida. O referido aluno está matriculado no curso de graduação em pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). O texto está organizado por meio da descrição de informações advindas de um estudo bibliográfico de uma entrevista semiestruturada.

METODOLOGIA

Esta é uma investigação qualitativa, realizada por meio de um estudo exploratório/descritivo, no qual fizemos um estudo bibliográfico sobre a temática e uma entrevista semiestruturada com um aluno matriculado no ensino superior da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A proposta advém das discussões da disciplina optativa Educação Especial e Inclusão ministrada no oitavo período do curso de pedagogia. A entrevista aborda questões sobre a história de vida, o diagnóstico da deficiência, a relação com a família, a vida escolar e a atual vivência no ensino superior, os preconceitos, se existiam ou não, as dificuldades encontradas e os desafios que o entrevistado relata ter tido em toda a sua jornada acadêmica. Nos propomos, neste texto, entendermos à luz dos autores Alves e Duarte (2005) e Pedra (2015), que abordam a problemática em discussão, articular as respostas com os conhecimentos discutidos em sala de aula. Assim, esboçamos o nosso entendimento sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, foi explorada a bibliografia que trata da temática. Posteriormente, foi elaborada a entrevista, quando já estava definido que nosso estudo abordaria a situação de aluno com deficiência no ensino superior. Daí, realizamos a entrevista. Pudemos perceber que desde o nascer Thales¹ encontrou muitas dificuldades, sua deficiência foi percebida por seus

¹ Nome fictício, visando preservar a identidade do aluno entrevistado.

pais, quando eles notaram que suas pernas eram de tamanhos diferentes. Mas, eles já esperavam devido o diagnóstico de Paralisia Cerebral (PC) que ele teve ao nascer. Os médicos haviam orientado sobre possíveis sequelas e na família do pai já havia pessoas com a mesma deficiência. Thales revelou que teve bastante dificuldade para andar, aos três anos começou a rastejar e andou somente com cinco anos de idade, após a primeira cirurgia para uma possível correção nas pernas, no total submeteu-se a cirurgias, na esperança de tentar melhorar o andar e até hoje ele tem acompanhamento fisioterapêutico.

Já em relação a sua baixa visão, é mais complicado, pois os médicos dizem que não tem correção. A baixa visão para Thales é uma grande barreira principalmente na vida acadêmica. Como relata Alves e Duarte (2005, p.236):

O processo educacional do deficiente visual deve estar centrado nas necessidades e nos anseios do aluno. O professor tem o papel de adequar suas atividades e conteúdos para a realidade de seus alunos, respeitando a diversidade presente em sua sala. No caso do aluno deficiente visual, as principais modificações dizem respeito às adaptações nas atividades a serem propostas. A criança cega ou com baixa visão pode participar do desenvolvimento dos mesmos conteúdos que seus pares videntes. A preocupação deve residir no fornecimento de condições seguras para que esse aluno participe.

Sobre as adaptações necessárias no ensino superior, Thales informou que ele precisa de auxílio em algumas coisas, como por exemplo uma pessoa auxiliando-o para: ler os textos para ele, ser seu escriba em trabalhos e nas provas e até mesmo para digitar no computador. Alguns professores já trazem os textos impressos ampliados. Mas, quando o material impresso não está numa fonte adequada, ele precisa solicitar à Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN) para que façam a ampliação dos textos. Inclusive quando é avaliação escrita, também solicita um profissional da DAIN para que transcreva suas respostas nas atividades acadêmicas, vai falando e a pessoa transcrevendo na prova. Percebemos, no decorrer de sua fala, com relação à vinda do auxiliar para lhe ajudar nas provas que ele não fica muito à vontade, pois muitas vezes conversa com o professor para fazer em dupla com algum colega mais próximo, que estuda na mesma turma. Em sintonia com Vygotsky (1989, apud Pedra, 2015, p.10) entendemos que:

[...] o desenvolvimento de uma criança sem deficiência e de uma criança com deficiência segue as mesmas leis gerais; a diferença encontra-se nas peculiaridades do desenvolvimento de cada uma, determinando formas

singulares de interlocução com outros e de intervenção no mundo. [...]

No direcionamento do nosso entendimento ficou notório que apesar de todas essas dificuldades, Thales nunca deixou de buscar formas de superação, enfrentou desafios. O referido aluno, aos três anos, mesmo sem andar, já estava na escola, suas limitações nunca foram dificuldades para o aprendizado na escola, sempre realizava as mesmas atividades que toda a turma fazia. Perguntamos-lhe em relação aos seus maiores desafios no ensino básico e a resposta foi: “O maior desafio foi por causa do fato de eu ter os problemas que eu tenho e com relação a sala de aula, as crianças eram iguais a mim, só que eu via eles brincando de correr e jogar bola, aí eu nunca pude, quer dizer, na época, agora eu posso”.

Sobre o brincar Thales enfatizou que devido não ter habilidades motoras na hora das brincadeiras as outras criança faziam “chacota” com ele por não poder participar, isso acabava fragilizando suas emoções, pois sentia-se bastante afetado por esses acontecimentos. Mas, sua voz ressoa superação, como nos disse antes: “[...] eu não podia, mas agora eu posso”. Recentemente, Thales recebeu um troféu de uma maratona de corrida com pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), ou seja, é uma prova que ele tem capacidade de sempre superar as suas limitações.

É perceptível que, por mais que Thales não tivesse muita interação com as crianças, justamente pelo fato de não poder brincar como todos brincavam, nada disso interferiu na sua aprendizagem. O entrevistado relatou que no ensino médio o auxílio que a escola proporcionava era parecido com o da faculdade, havia sempre alguém para ajudar na hora da prova, e suas atividades sempre foram iguais as dos demais colegas de turma.

Suas dificuldades, segundo ele, nunca limitou seu aprendizado na escola. Porém, apesar de todo o apoio acompanhamento, no ensino superior usufrui de uma ajuda maior que no ensino básico, que é a relação com os professores que aceitam suas necessidades, no nível anterior a maioria não compreendia o fato de ter sempre alguém para transcrever para ele. Essa foi a maior dificuldade que ele disse ter enfrentado no ensino médio e que isso interferia na sua relação com os professores.

É evidente que mesmo com todas as dificuldades Thales está conseguindo conquistar seus sonhos. Conseguiu passar no vestibular em Pedagogia na primeira tentativa, inclusive ressaltou: “Quando soube o resultado meu pai fez a maior festa, eu raspei o meu cabelo e ele fez questão de raspar o dele também, pois disse que minha aprovação era mesmo que ter sido ele que tivesse passado”. Sobre a opção por Pedagogia, relatou

para adquirir conhecimentos para auxiliar o pai dele na empresa da família, ele não pretende atuar na área da educação, diz que não se identifica com a área e que futuramente tem planos de cursar outra graduação que é administração.

A partir das respostas obtidas percebemos a importância do apoio familiar nas situações da vida. A família para Thales é uma grande base de incentivo para que ele ultrapasse todos os obstáculos que a vida trouxe, preocuparam-se em mostrar que ele é capaz e que podia vencer. Hoje, ele já tem vários relatos de conquistas para contar e se diz vencedor. Vimos também o quanto o acompanhamento médico com bons profissionais é necessário, e que quando as intervenções precoces acontecem os benefícios são maiores para a pessoa com deficiência, como aconteceu com o entrevistado. O diagnóstico cedo de sua deficiência e o tratamento iniciado na infância contribuiu para sua qualidade de vida. Com base nisso tudo, pudemos identificar também que apesar de Thales ter a deficiência motora e visual, e já ter passado por vários processos cirúrgicos, isso não afetou seu intelecto, pois é um ótimo aluno na sala de aula, e tem um bom índice de rendimento acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após, termos realizado um estudo com um aluno de pedagogia com a coordenação motora comprometida e com baixa visão, ampliamos nossa compreensão acerca dos desafios que ele enfrentou na educação básica e que hoje vivencia no ensino superior.

Contudo, concluímos que apesar dos direitos que se tem alcançado, ainda há obstáculos a serem superados. Ou seja, entraves que devem ser discutidos para favorecer maior apoio aos alunos dentro do espaço escolar, possibilitando um ensino de qualidade. Com isso é necessário a quebra de barreiras, para que o aluno sintam-se bem, e seja capaz de desenvolver suas habilidades.

REFERÊNCIAS

PEDRA, Alexandre Correia. **Motivação do Aluno com deficiência Intelectual na Sala de Recursos**. 2015. 35 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, Universidade de Brasília, Buritis - MG, 2015.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edson. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades. In: **Acta Scientiarum. Human and**



Social Sciences; Maringá - SP, v. 27, n. 2, p. 231-237, 2005.